700849

Biblioteca - Unemat - PLA

00013992

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.º 13992
Data 19 / 08 / 2009
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Maria de Fátima Dos Santos

Letrar alfabetizando ou alfabetizar letrando: porque o projeto Se Liga não condiz com os PCN's

Pontes e Lacerda/MT
2008/1

37.014.22
S237l
ex.01

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Maria de Fátima Dos Santos

Letrar alfabetizando ou alfabetizar letrando: porque o projeto Se Liga não condiz com os PCN's

Monografia de conclusão do Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada e licenciada em Letras.
Orientadora: Professora Vanessa Fabíola Silva de Faria

Pontes e Lacerda/MT
2008/1

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 02/07/2008. **Nota: 10 (dez)**

Orientadora: Professora Vanessa Fabíola Silva de Faria

Departamento de Letras

UNEMAT

1º Membro: Professora Drª. Rosely A. Romanelli

Departamento de Letras

UNEMAT

2º Membro: Professor Espec. Antônio Gomes

Departamento de Letras

UNEMAT

Coordenadora TCC: Professora Drª. Rosely A. Romanelli

Departamento de Letras

UNEMAT



(...) Desde que se compreenda a natureza do processo de aprendizagem em que se quer intervir, podem-se criar ou improvisar quantos materiais forem necessários ou viáveis para favorecer as situações lingüísticas fora das quais não é possível aprender a ler e escrever. Mas como, se a única pessoa alfabetizada desta classe era a professora? Você já reparou como as mães falam com os bebês? Eles não sabem falar, mas elas atuam como se eles soubessem, não? E é assim que se aprende a falar. ***Não existe nenhum método para ensinar a falar que comece pelas sílabas, depois as junte em palavras e essas em frases, e etc. Ainda bem, se não, quem sabe teríamos também altos índices de mudez.*** *(Weisz, Telma, 1984)*

Dedicatória

Dedico este Trabalho Monográfico primeiramente á DEUS, o grande responsável pela minha existência e por ter me proporcionada saúde, coragem e perseverança pra chegar até o final. E de forma muito especial a toda minha família à minha mãe e ao meu pai, e principalmente ao meu filho João Guilherme, por ter sido o maior elo da minha persistência nesta etapa gloriosa da minha vida.

Agradecimento:

Por mais uma etapa concluída na minha vida, a priori agradeço a DEUS, e de uma maneira muito especial a minha mãe (Celita) e ao meu pai (José), por ter me proporcionado uma educação cristã, e que me ensinou os valores étnicos e morais da vida. Agradeço também de forma inesquecível o empenho e a dedicação que a minha orientadora professora Vanessa Fabíola Silva de Faria. E também ao meu amigo professor Antônio Gomes (Toninho), que colaborou com seu conhecimento e disponibilizou o seu tempo para contribuir na elaboração deste trabalho. Aqui também agradeço a minha amiga Eliana Mendes, pela sua preocupação em me ajudar a definir um tema; agradeço também ao meu esposo (Cleiton) por ter compreendido a minha ausência como mãe e esposa durante todo esse tempo. Agradeço a dona Lucinda Oliveira Davi, (vizinha) uma pessoa que muito contribui para eu chegar até a reta final deste curso, ficando com meu filho para eu ir pra faculdade e no geral agradeço á todos que direto ou indiretamente se fez presente na minha vida, contribuindo para realização deste sonho.

INTRODUÇÃO 9

OBJETIVO E OBJETO DE PESQUISA 11

PERCURSO DE PESQUISA 11

1.1 – DESCRIÇÃO DO PROJETO SE LIGA. 13
1.2 - IMPLANTAÇÃO DO PROJETO SE LIGA NO ESTADO DE MATO GROSSO 17

2 – A PROPOSTA DO PCN X A PROPOSTA DO PROJETO SE LIGA. 19

2.1 A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM SUBJACENTE À PROPOSTA DO SE LIGA 19
2.2. A PROPOSTA DOS PCN'S 21
2.3. UMA BREVE DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DAS APOSTILAS 31

3. ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS APOSTILAS À LUZ DAS TEORIAS SÓCIO-INTERACIONISTAS E CONSTRUTIVISTAS 34

CONCLUSÃO 41

BIBLIOGRAFIA 44

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA 44
OBRAS CONSULTADAS 45

ANEXO I – FOTOS DE UMA SALA DE AULA PARTICIPANTE DO PROJETO SE LIGA 47

Resumo

O trabalho de pesquisa, ora proposto como Trabalho de Conclusão de Curso ocupa-se de questões relacionadas à alfabetização. Nosso objetivo específico é verificar as concepções de linguagem que subjazem a determinadas propostas de alfabetização. A proposta em estudo é a do Projeto Se Liga, cujo proponente é o Instituto Ayrton Senna. Tal projeto tem como pressuposto o objetivo de reverter os péssimos índices em alfabetização e as distorções idade/série. Baseia-se no método tradicional de alfabetização, silábico, cuja premissa é o conhecimento da língua partindo de suas unidades menores para as maiores, daí as famosas famílias silábicas e as frases do tipo "Ivo viu a uva" e "O boi Bibi baba". Em contraposição a essa perspectiva procuramos defender a proposta sócio-interacionista discursiva, não apenas porque é o pressuposto teórico dos PCN, mas, principalmente porque considera as condições sociais e culturais implicadas na aquisição da escrita e da leitura, sua maior contribuição foi, em dúvida, a humanização de um processo que parecia mecânico e automático, sem nenhuma relação com a história de vida de cada aluno. Consideramos que tal trabalho, ainda recente, se consideramos mais de um século em modelos tradicionais de alfabetização, ainda não foram compreendidos e realmente postos em prática. O problema que decorre desta ausência de sucessos é que, ávidos por resultados, equipes de diversas secretarias de educação pelo Brasil afora, têm se voltado para os métodos tradicionais, após quase duas décadas de batalha e militância incansável de vários lingüistas e educadores em nosso país, vemos o retorno do indesejado *"Ivo viu a uva"*.

Palavras-chave: alfabetização, ensino/ aprendizagem da escrita e leitura.

Introdução

Nosso trabalho origina-se de uma intensa curiosidade por projetos que parecem fazer muito sucesso atualmente. É o caso, por exemplo, do Projeto Se Liga. Tais projetos representam, conforme Leite (2007) afirmou em sua palestra durante o XVI COLE (Congresso de Leitura do Brasil): *A volta de Ivo viu a uva.* Esse retorno é defendido pelos adeptos do método tradicional com o seguinte argumento: as propostas construtivistas e interacionistas que por aqui vinham sendo discutidas desde os anos 80 não trouxeram a esperada superação do fracasso na alfabetização. Assim, parece-nos que se tem obliterado nesta discussão, primeiramente o fato de que os métodos tradicionais têm um século ou mais de prática nas escolas brasileiras, outro aspecto que é praticamente inobservado por vários dos detratores das propostas interacionistas é o fato de que as propostas de mudanças são normalmente, primeiras adotadas no plano curricular e nos discursos, mas muito mais lentamente nas práticas, cf. Souza (2006), que afirma tais distorções decorrerem da dinâmica em que tais propostas se incorporam no âmbito escolar: primeiramente a incorporação ocorre no planejamento, e muito mais lentamente na prática educativa.

O que isto significa, de fato, é que o trabalho proposto na perspectiva interacionista não tem sido, de fato realizado, e quando se observa um trabalho mais próximo dos novos paradigmas, é na verdade um amálgama estranho de textos – na verdade não-textos – explorando as sílabas em estudo.

A pesquisa que empreendemos tentará circular entre estas questões procurando compreender a relação entre tais propostas e sua relação com o fracasso na alfabetização. Para tanto nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo tratamos de descrever o projeto Se Liga, sua vinculação institucional entre o Instituto Ayrton Senna e as secretarias municipais e estaduais que o adotam, a organização do material e o processo de implantação do projeto no Mato Grosso, e em especial, na cidade de Pontes e Lacerda.

No segundo capítulo, procuramos realizar um estudo sobre as concepções de linguagem subjacentes à proposta do projeto Se Liga e, em contraposição a esta proposta, procuramos compreender a contribuição dos PCN's e a proposta sócio-interacionista-discursiva que o embasa.

No terceiro capítulo, procuramos realizar uma análise da proposta de alfabetização do projeto Se Liga à luz das concepções teóricas do construtivismo, do sócio interacionismo, buscando fundamentar nossa argumentação em diversos autores, dentre eles Ferreiro e Teberoski (1999), Vygotsky (1934), Weisz (1984), Rego (1984) e Mortatti (2001)

Esperamos contribuir com nosso trabalho para a compreensão de fenômenos como o que vê representado no retorno dos métodos tradicionais.

Objetivo e Objeto de Pesquisa

Iniciamos este estudo procurando observar, descrever e analisar o Projeto Se Liga. Nosso objetivo é verificar em que medida o projeto se distancia dos pressupostos teóricos subjacentes à proposta de alfabetização e letramento que encontramos nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Nosso estudo se deterá especificamente nas concepções de linguagem que embasam a proposta de alfabetização do Projeto Se Liga e numa perspectiva de contraposição os analisamos comparando-os às perspectivas dos PCN's.

Percurso de Pesquisa

Inicialmente este nem era meu objeto de pesquisa, pois eu estava interessada em pesquisar metodologias de ensino da língua inglesa. Diante da dificuldade de encontrar um objeto especifico e um orientador nesta área, acabei acatando sugestões para trabalhar algum tópico em Educação. Por sugestão de colegas fui informada sobre o Projeto Se Liga. Em momento algum este objeto revelou-se mais fácil, em termos teóricos ou metodológicos, ao contrário, para uma aluna de Licenciatura em Letras, que nunca teve contato com o referencial teórico sobre alfabetização durante todo o curso de Letras, este objeto revelou-se, no decorrer da pesquisa, árduo e de difícil apreensão. A tarefa de delimitar e cerca o objeto, também foi difícil e árida. A despeito das dificuldades fui construindo uma relação de familiaridade com este objeto e desejava encontrar respostas para várias questões, dentre elas: O projeto é eficiente em sua proposta? A proposta de alfabetização condiz com os PCN's? As crianças em defasagem idade/série realmente se beneficiam com sua aplicação? Enfim, a priori, o projeto me pareceu à solução para os problemas "criados" com a escola ciclada. Digo criado entre aspas, pois o problema já vinha de há muito tempo, e a escola ciclada não deu conta de resolvê-lo. Também compreendi, ao longo da pesquisa, que meu encantamento inicial com a proposta do Se Liga era uma ilusão, afinal, como dito pela pesquisadora Weisz, em nossa epígrafe, se de fato não há um método silábico para se ensinar a falar, por que teria de haver um para se ensinar a escrever?

Este trabalho traduz, em seu percurso, as marcas da descoberta de um universo teórico antes desconhecido por mim, e mais, o encantamento produzido pela queda dos véus da ilusão. Perplexidades vieram à tona quando nos demos conta de que as concepções de linguagem que embasam a proposta do Projeto Se Liga são objeto de discussões entre os lingüistas há várias décadas e que após mais de vinte anos de batalha contra esta perspectiva vemo-la sendo retomada como "solução" para os problemas em Educação.

1 - O Projeto Se Liga.

Neste item nos dedicamos a uma descrição do Projeto, a sua proposta de trabalho, como a organização que o idealizou realiza o trabalho em parceria com os órgãos governamentais ligados à Educação, e principalmente, trata de descrever o processo de implantação do projeto no estado de Mato Grosso.

1.1 – Descrição do Projeto se Liga.

O Projeto se Liga foi idealizado pelo Instituto Airton Senna em 2001, presidido por Viviane Senna, é uma organização não-governamental que nasceu em 1994, com o compromisso de "elevar o índice de desenvolvimento humano" no país. Em uma parceria com o governo o projeto já se expandiu como política pública em seis estados: Goiás, Pernambuco, Tocantins, Paraíba, Sergipe e Mato Grosso. O Projeto em questão tem como objetivo buscar corrigir a disparidade de série/idade, das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, o mesmo foi aderido pelo governo devido alto índice de defasagem escolar no Brasil.

No inicio do ano letivo é aplicado o teste diagnostico de alfabetização, enviado pelo Instituto Airton Senna aos alunos: de primeira e segunda séries que apresentem dois anos de distorção idade/série no mínimo, e de terceira e quarta séries, mesmo que não apresentem distorção. Após a correção, sempre com base nos critérios que acompanham o teste, são identificados os alunos não alfabetizados. Eles formarão a turma do Se Liga. Os alunos não alfabetizados são agrupados em classes, heterogêneos quanto ás diferentes séries de origem, idade e nível de aproveitamento escolar, com no máximo vinte e cinco alunos por sala. O professor indicado para o Se Liga, antes de ser capacitado, deverá assumir a turma, planejando e desenvolvendo atividades de acordo com "Subsídios para o período que antecede o inicio do programa", elaborado pelo Instituto Airton Senna. Após este trabalho o aluno volta no próximo ano pra série seguinte.

O conjunto de materiais do Se Liga, além do material de orientação para o professor compreende:

* Módulo de Alfabetização do aluno;

* Caderno de Atividade;

* Caixa de Literatura para cada turma, com livros de literatura infantil e um livro para o Professor – Lendo e Formando Leitores;

* Sistemática de acompanhamento;

* Alfabeto Móvel;

* Material Dourado.

O modulo de Alfabetização está estruturado em 42 aulas, que já vem no caderno de orientação do professor, o qual contém também a rotina básica de uma aula incluindo passos que serão detalhados e seguidos em cada aula do modulo que segue esta seqüência:

* Acolhida;

* Curtindo as Leituras;

* Correção do Para Casa;

* Desenvolvimento das atividades:

- Freqüência;

- Palavra – Chave – diálogo;

- Exploração do Módulo de Alfabetização;

- Exploração do Caderno de Atividades;

* Revisão do dia;

* Para Casa;

A acolhida é feita no inicio da aula não podendo passar de dez minutos e tem que ser registrada de forma que eles percebam que a sua ausência será notada pelo grupo. Em seguida passa-se para Curtindo as Leituras. Neste momento o professor deve trabalhar com leituras e inclusive explorar melhor o acervo da Caixa de Literatura, e então indo adiante, com a Correção do Para Casa, que o educador corrige junto com aluno as atividades que ficaram para ser feita para fazer em casa e pra dar continuidade na aula segue – se o próximo procedimento,

Desenvolvimento das Atividades, que visa explorar basicamente o Módulo de Alfabetização e o Caderno de Atividades, além das outras atividades especificas. No final da aula o professor faz a revisão do dia levando os alunos a falarem e, sempre que puderem a escrever tudo o que aprenderam no dia, e no fim da aula novamente o Para Casa, e assim conclui-se a aula.

Neste projeto o professor terá que acompanhar o aluno individualmente visando suas dificuldades e seu desenvolvimento e se o aluno faltar na escola dois dias seguidos, o professor junto com o coordenador terá que ir até a casa do mesmo pra ver o que está acontecendo, o educador será acompanhado e apoiado durante todo tempo, pelo o coordenador, que terá que observar uma aula uma vez por semana, a fim de verificar a reação dos alunos e o cumprimento da rotina prevista pelo programa e apos a observação conversar com o professor, com base no formulário por ela preenchido. E também definir reuniões de avaliação e planejamento, pelo menos quinzenalmente com o objetivo de trocar experiências, expor os problemas e providenciar soluções e principalmente ampliar os conhecimentos dos professores através da intermediação do supervisor. O professor terá que passar para a coordenação um relatório mensal contendo os seguintes pré-requisitos: Perfil da turma; acompanhamento de leituras e livros lidos; ficha de leitura escrita; dias letivos; freqüência de professores e alunos; Para Casa não feitos; transferências recebidas e expedidas; abandono; visitas do supervisor; reuniões com supervisor e fluxos de aulas.

Quanto à avaliação da aprendizagem, o programa prevê seis avaliações ao longo do ano: três em Língua Portuguesa e três em Matemática, As mesmas são mensuradas, não recebem notas ou conceito. Elas evidenciam o alcance, ou não, das habilidades desenvolvidas pelos alunos e subsidia o seu trabalho. Cada avaliação é acompanhada da relação de descritores, dos critérios de aplicação e correção de cada item, além dos dois formulários intitulados "Quadro I" e "Quadro II". No quadro I o professor registrará, para cada aluno, as questões cujos erros evidenciam que ele não desenvolveu a habilidade correspondente, segundo o critério da correção. Os dados do "Quadro I" serão consolidados no "Quadro II" por cada um dos responsáveis – supervisores, coordenador e equipes de secretarias – até chegar á síntese final.

A respeito da Alfabetização o Programa Se Liga tem sido avaliado pela Fundação Carlos Chagas desde 2001 nas competências leitoras e escritora dos alunos. Entendemos que os alunos iniciam seu processo de alfabetização quando relacionam as letras aos sons da fala, quando relaciona grafemas a fonemas, No projeto trata - se como alfabetizado, os aluno que, além do estabelecimento da relação entre letras e sons, são capazes de: relacionar palavras e frases a desenhos; localizar informações explicitas, em destaque, em um cartaz ou em pequenos textos; escrever, com possibilidade de leitura, pelo menos, um parágrafo de acordo com o tema solicitado. E para que o desenvolvimento aconteça, o professor deve conhecer a situação real de aprendizagem de cada aluno para planejar as situações didáticas específicas.

O professor deve seguir o conteúdo da matriz de habilidade que consta no caderno de orientação do mesmo, tanto da língua portuguesa como de matemática. O Educador responsável pela sala do Se Liga além das aulas, tem que prestar conta do seu trabalho para o supervisor da escola, o mesmo faz a consolidação e passa para o coordenador, o qual o mesmo envia todas as informações para o coordenador regional que irá repassar todos os dados para o IAS (Instituto Airton Senna). Os formulários devem ser preenchidos pelos professores em duas versões, identificadas pelos números I e II significando as duas etapas de registro, a primeira que acontece em cada turma, junto professores e alunos; e a segunda que acontece no âmbito escolar, consolidando as informações das turmas registradas no formulário anterior.

Os formulários devem conter o Perfil da Turma, que será preenchido pelo Professor, analisado pelo supervisor e pelo coordenador do projeto, que deve ser retomado pelo coordenador, ao final do ano, para ter sua ultima coluna preenchida com os dados acumulados, e que servirão de base para o preenchimento do formulário "Resultado Final".Acompanhamento de Leituras e Livros Lidos, em formas de cartazes deverá estar afixado na sala de aula, em lugar de fácil acesso aos alunos, que deverão marcar diariamente os livros lidos. O acompanhamento Mensal, em forma de cartaz deverá estar afixado na sala de aula, em lugar de fácil acesso aos alunos, e de fácil visibilidade para o supervisor, coordenador e demais visitas. Os próprios alunos assinalam sua presença, assim como o professor, que é responsável pelo preenchimento dos demais campos. O preenchimento é diário e o

cartaz, ao final de cada mês, ficara de posse do coordenador, até o final do ano. Na Ficha de Leitura e Escrita, o professor registra o desempenho do aluno na aquisição das habilidades de leitura e escrita, mensalmente, com base na observação diária. E por fim o resultado final que é preenchido com dados extraídos do "perfil da Turma" das colunas "Série de Origem" e "Série de Destino". O preenchimento é de responsabilidade do coordenador do projeto. No caderno de orientação dos professores, tem o modelo de cada relatório, já com as instruções tanto para o professor como para o supervisor da escola. Todo este material desde as cartilhas para os alunos e o material de orientação para o professor é fornecido pelo instituto Airton Senna, com parceria com o governo do Estado e o Prefeito de cada Município, pois o Instituto Airton Senna, só entrou em parceria com o Estado, nas condições que o município fizesse parceria também, e quando o Estado renovasse o contrato o município também teria que renovar e ambos, passar todos os resultados tanto positivos como negativos para o IAS.

1.2 - Implantação do Projeto Se Liga no Estado de Mato Grosso

O Projeto Se Liga foi implantado no Estado de Mato Grosso a partir do dia 12 de fevereiro de 2007, inicio do ano letivo, o Projeto foi apresentado para os profissionais da educação e representantes dos municípios. Hoje já está funcionando em mais cinco Estado: (Pernambuco. Tocantins, Goiás, Paraíba, Mato Grosso do Sul) a Prefeitura Municipal de Sinop já tem parceria direta com o IAS (Instituto Airton Senna) há sete anos e o Município de Cáceres também.

Desde sua implantação, em 2001, o Se Liga atendeu a 331.897 crianças de 403 municípios. Em Mato Grosso o Projeto já atendeu 55 mil alunos da rede pública, 750 turmas, em cerca de 200 escolas e 26 municípios. No dia 30 de março de 2007, aconteceu o curso de preparação e capacitação de professores para desenvolver o Projeto Se Liga nas Escolas, os mesmos foram capacitados por monitores do IAS (Instituto Airton Senna). O curso teve duração de quarenta hora/aula distribuída em uma semana, os educadores receberam a teoria e com base em simulação colocavam em pratica o conteúdo, segundo umas das

monitoras da equipe, eles passavam de mestres a alunos e conseguiam perceber muitas distorções aplicadas em sala de aula. Além da capacitação de professores, o desempenho das escolas inseridas no Projeto será acompanhado pelo IAS (Instituto Airton Senna).

Participaram do curso de capacitação a secretaria – adjunta de Políticas Educacionais da Seduc, Marta Maria Pontin Darsie e também o secretário de Estado de Educação Luiz Antonio Pagot, que ressaltou a importância da educação para o Estado, e segundo o mesmo são 647 escolas, 20 mil professores e mais de 500 mil alunos inserido na rede educacional de Mato Grosso. O Projeto não teve nenhuma avaliação do SAEB, os alunos que participaram do Programa serão avaliados este ano de 2008 na sala regular onde estão inseridos. Só tem os resultados do acompanhamento e gerenciamento do IAS (Instituto Airton Senna), os resultados das avaliações da Fundação Carlos Chagas ainda não foram divulgados. Nas Escolas do município de Pontes e Lacerda – Mato Grosso, foi implantado o Projeto Se Liga na rede Estadual e Municipal no ano de 2007, tanto o Estado como o Município renovaram o contrato com IAS (Instituto Airton Senna), mas nem todas as Escolas estão desenvolvendo o Projeto neste ano de 2008.

2 – A proposta do PCN x A Proposta do Projeto Se Liga.

Neste item nos propomos a analisar as duas propostas, uma calcada na perspectiva sócio interacionista-discursiva, e outra, baseada numa concepção estruturalista de linguagem, respectivamente, a proposta do PCN e a proposta do Projeto Se Liga. Inicialmente trataremos de verificar a proposta do Projeto Se Liga. Nosso obetivo é verificar em que medida a proposta de alfabetização baseada no projeto Se Liga se distancia dos pressupostos teóricos dos PCN's.

2.1 A Concepção de Linguagem subjacente à proposta do Se Liga

A proposta pedagógica do Projeto Se Liga baseia – se no Método Dom Bosco: que é o método tradicional de se alfabetizar, com cartilhas a partir da família silábica. Este método já vinha sendo trabalhado, nas escolas desde antes do Projeto ser implantado. Entretanto, em função do fracasso escolar, comprovado nos índices de repetência nas séries iniciais – índices diretamente relacionados à problemas da escola no ensino da leitura e escrita e à precária estrutura física e profissional da escola –a cartilha do método Dom Bosco acabou sendo desconsiderada.

Considera-se que o método tradicional, na atual sociedade não é mais eficiente, pois como sabemos o momento atual prima pelas novas tecnologias e novos métodos que possam possibilitar o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem com eficiência e rapidez. Sendo assim, nos deparamos com alguns estudiosos da educação, tais como Perrenoud (2000) que compreendem que para ensinar é preciso no mínimo dez competências, e entre essas dez competências, o autor salienta que é de suma importância que hoje no mundo moderno, o profissional da educação que está disposto a ensinar e contribuir para que haja sucesso no aprendizado dos alunos, deve, no mínimo, saber utilizar as novas tecnologias e concebê-las como parceiras fundamentais que podem contribuir para alcançar resultados positivo no quesito desenvolvimento educacional e assim de acordo com os PCNs é indispensável o uso e inserção das tecnologias para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem e com enfoque especial nas

series inicias.

A concepção de escrita que subjaz ao trabalho com a alfabetização no projeto Se Liga deve tributos às perspectivas estruturalistas da linguagem, em que a escrita é compreendida como mera representação da fala, e deste modo, ler e escrever não passam de atividades que envolvem a codificação e a decodificação do código. Assim, alfabetizar, nesta perspectiva é uma atividade reduzida ao ensino do código escrito, baseado exclusivamente na leitura e escrita. Nesta perspectiva a preocupação metodológica assumia papel preponderante: era sempre preciso pensar no melhor método para que se possibilitasse ao aluno o domínio do código. Deste modo, justificava-se que ele primeiro deveria adquirir o domínio do código, este deveria ser ensinado ao aluno e depois habilitá-lo para seu uso – que, diga-se de passagem – raramente acontecia. Outro aspecto que marca esta proposta tradicional é a idéia de prontidão, o momento mais propício ao aluno para o aprendizado, o momento em que estaria com seu ponto ótimo, determinado pela maturação neurológica e experiências de vida. Desta concepção vêm os famosos exercícios de coordenação motora, os quais tinham o objetivo de proporcionar a desejada maturação e desenvolver as habilidades consideradas pré-requisitos para a Alfabetização. Estas concepções foram durante muito tempo a maior influencia nos trabalhos pedagógicos com alfabetização, tendo direcionado os trabalhos das pré-escolas por varias décadas.

Esse modelo tem sido duramente criticado desde os anos 60. Datam desse período às primeiras análises mais conclusivas, realizadas nos países desenvolvidos, a respeito do analfabetismo funcional. Essa categoria representa o estado de indivíduos que passaram pelo processo de escolarização, parcial ou integralmente, tiveram um contato com o código escrito, aprenderam-no, mas depois de egressos da escola não utilizam a leitura e a escrita como instrumentos de inserção social, cf. Leite (2000), ou seja, não foram letrados, pois não participam das práticas letradas. Segundo o autor, em meados dos anos 70 e durante toda a década de 80 inúmeros pesquisadores tinham demonstrado, em suas pesquisas, a necessidade de novos modelos de alfabetização a fim de *"atender às demandas de uma sociedade cada vez mais exigente no que se refere à formação do indivíduo para o pleno exercício da cidadania"* (Leite, 2000). Entre esses pesquisadores o autor destaca principalmente Soares (1985), Ferreiro (1985), Kramer (1986),

Smolka (1988), Braggio (1992), Leite (1988 1992).

As mais fortes críticas passaram a ser formuladas após a circulação das idéias de Vygotsky, e suas idéias acerca da função social da escrita no desenvolvimento cultural do educando:

> *"Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensinam-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita como tal. (...) E o resultado é a produção de uma fala morta."* (VYGOTSKY, 1935, p.119).

2.2. A Proposta dos PCN's

As discussões iniciadas nas décadas de 70 e 80 propiciaram uma renovação dos paradigmas em alfabetização. Essa renovação paradigmática propunha um deslocamento nas práticas de alfabetização, das práticas de ensino centradas em grafar o som, ou melhor, simbolizar graficamente um universo sonoro – que por si só, já é simbólico – passou-se a valorizar a aprendizagem da linguagem escrita em seu contexto social. O que na prática representaria ensinar não apenas a grafia das letras, mas a linguagem escrita:

> "Finalmente podemos então vislumbrar mudanças numa prática de intervenção socioconstrutivista no processo de construção da escrita. De saída, estas reflexões implicam uma alfabetização/letramento centrados na construção do(s) discurso(s) (ou do(s) texto(s) e de sua(s) situação (ões) de produção (o que inclui motivação) e não uma alfabetização meramente centrada na grafia ou ortografia ou mesmo na representação gráfica do universo sonoro da linguagem".(MEC/SEF-PCN 1997).

De acordo com os PCN's ensino fundamental de oito anos, compreende-se que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, é para aprender ler e escrever, pois o aluno não precisa só compreender o que a escrita

representa e sim de que forma a escrita representa a linguagem. Já no Projeto Se Liga a alfabetização é um processo decorativo, onde a gravura, o desenho da letra é uma mera representação do som, e o aluno associa o som à letra. Deste modo, o projeto foge totalmente do que propõe o PCN, que vem substituindo o silabário da cartilha por grandes variedades de textos, para que por meio deles a escola possa cumprir sua maior função: promover o letramento. Sabemos que essa função é de inteira responsabilidade da escola, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e pensantes. Infelizmente, em algumas vezes, percebemos certa omissão da escola em relação a essa função e apela –se para métodos que as vezes são totalmente contraditórios com a proposta que é incumbida à instituição e assim ela acaba não primando pelos objetivos estabelecido pelas leis diretrizes e bases educacionais, as quais também estão em sintonia com os PCN's, estabelecendo que o aluno do ensino fundamental oito anos, deve tornar-se capaz de ler, interpretar e produzir diferentes textos, nas mais diversas situações.

No Projeto Se Liga os aspectos sociais da linguagem não são considerados, pois a escrita é simplesmente uma mera representação da fala, em contrapartida, os PCN's nos lembram que é através da linguagem que o homem pode significar o mundo e sua realidade. Afinal, é através da linguagem que o indivíduo participa da vida em sociedade e interpreta a realidade e a si mesmo. Em contraposição a essa perspectiva, o projeto em questão pressupõe práticas tradicionais de alfabetização, garantindo ao indivíduo o conhecimento da escrita alfabética, contudo, não oferece ao educando possibilidades de apropriar-se do código em práticas sociais de leitura e escrita.

Quando analisamos a proposta estabelecida pelo PCN, lá está de maneira evidente que tal proposta acredita na alfabetização a partir de textos, (PCN Ensino Fundamental Língua Portuguesa Vol: 02 pg.56) e assim compreendemos que de acordo com o mesmo, o texto não se define pela sua extensão, pode ser uma letra uma palavra, uma lista, um conto ou um romance, desde que tal texto venha demonstrar um fato ou uma situação comunicativa, que não seja, uma letra apenas para representar uma figura e definir uma família silábica, pois acredita-se que não existe família silábica, e sim o método tradicional silábico. Acreditamos que este método pouco contribui para que ocorra a aprendizagem no contexto em sala de aula e assim entende-se que tal método não comunica nenhum fato novo, não é

uma prática significativa e não contribui para que o educando avance em seus conhecimentos sobre a linguagem e possa participar de práticas letradas.

Entende-se que, os objetivos gerais da Língua Portuguesa no trabalho no Ensino Fundamental, têm por finalidade expandir a prática e o gosto pela leitura de maneira a privilegiar a linguagem. Essa proposta consegue, quando bem conduzida, capacitar o individuo para a compreensão mais ampliada da questão linguagem e leitura, seja ele pertencente às séries iniciais ou das séries mais avançadas. Penso que tal fator não se restringe apenas a um grupo/série e com isso deve ser levado em consideração: quando se argumenta sobre linguagem e leitura, temos que atentar para a premissa de que ler é muito subjetivo - nas séries iniciais se trabalha e se concebe a leitura como interpretação de signos e códigos - sem perder de vista uma questão de suma importância que é a leitura de mundo. Tal leitura se propõe a levar o aprendiz ao conhecimento dos mais simples objetos que o cercam, com isso trabalha-se de forma prazerosa. Este procedimento favorece o processo de leitura através dos objetos que se encontra no mesmo tempo e espaço e assim pode-se levar em consideração que ler possui várias facetas, as quais dependem da perspectiva estabelecida para este fim.

Hoje nos deparamos com situações em sala de aula, que podem ser consideradas como práticas arcaicas, em relação aos novos métodos de ensino e aprendizagem, pois ainda é possível se deparar com alguns profissionais que se defendem demasiadamente e se apóiam de maneira incontestável no método silábico, e assim, enquanto para uns há a possibilidade de se trabalhar com textos, para outros, essa idéia jamais é concebida. Para estes, o argumento utilizado é principalmente o que de o método silábico facilita e possibilita que o aluno aprenda com mais rapidez. Conseqüentemente os pressupostos teóricos da perspectiva sócio-interacionista são descartados. Ignora-se, acima de tudo, que tal proposta salienta a facilidade que o aluno teria se trabalhasse o conteúdo todo, e não as partes. O principal argumento, nessa perspectiva de trabalho, é que se o aluno em formação tiver acesso e puder manusear o material que com ele é trabalhado, o conhecimento fluiria com mais facilidade. Hoje, no que tange à alfabetização, é preciso considerar também, cada vez mais, elementos de nossa sociedade de informação: as novas tecnologias têm configurado uma nova maneira de se lidar com a linguagem, neste contexto, fragmentar o processo de alfabetização em

métodos silábicos não faz sentido, ao contrário, dificulta ainda mais a inserção do educando nas mais diversas e modernas práticas letradas, dificultando seu acesso e movimentação neste novo "mar de informações". Consideramos que a persistência nessa concepção nada mais seria do que favorecer o retrocesso no processo de ensino/ aprendizagem.

Observamos também que muitos dos defensores do método silábico defendem-no acreditando que tal método é importante, pois contribui para o aluno produzir textos orais e escritos coesos, concisos e coerentes. No entanto, parece-nos tais profissionais estão um pouco equivocados, afinal, este mesmo método foi pratica em nosso país por décadas a fio, e o seu produto já conhecemos sobejamente: a exclusão vergonhosa que verificamos por meio do fracasso escolar, tanto nos altos índices de repetência quanto nos índices de evasão.

Aliás, tal fracasso também se relaciona com a existência de projetos como o EJA. Afinal, parece-nos que estes projetos visam justamente o resgate de uma dívida histórica com uma parcela da população que foi historicamente excluída dos bancos escolares, não só por falta de oportunidades de acesso à escola, como também por não se adequarem aos métodos propostos para alfabetização. Cai por terra, então, o argumento dos defensores do método silábico em relação à qualidade e produção, uma vez que comprovadamente tais métodos não ajudam o aluno a atingir esses objetivos, os quais também são sempre os objetivos a serem perseguidos em várias outras propostas de alfabetização, como, por exemplo, na proposta dos construtivistas e dos sócio-interacionistas. Essas propostas ainda avançam ao proporcionar ao aluno além de poder produzir textos coesos, concisos e coerentes, também utilizar as variedades lingüísticas do português falado e escrito, respeitando a circunstância e situação comunicativa em que vive compreender e interpretar textos orais e escritos, em diferentes situações do meio social, valorizar a leitura como fonte de informação, utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem e meio de qualidade de relações pessoais, dispor do conhecimento adquirido através da linguagem para análise crítica. Para o individuo chegar a este conhecimento, desde o início da sua alfabetização terá que ser alfabetizado conforme é proposto pelo PCN. A proposta subjacente ao Projeto Se Liga não consegue realizar o mesmo propósito, mesmo porque nem tem esse propósito no horizonte de seus objetivos. De modo que se considera alfabetizado

dentro dessa perspectiva o aluno que souber decodificar, souber ler e escrever, relegando-se a um segundo plano questões relativas à singularidade desse processo de aprendizagem, sem visões de interpretação e questionamento.

De acordo com que ora foi discutido, o PCN da Língua Portuguesa afirma que o ensino de tal disciplina tem por finalidade, a expansão das possibilidades do uso da linguagem e dessa forma entende-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão ligadas as quatro habilidades, ler, escrever, escutar e falar, e, pensando nestas habilidades, percebe-se que o Projeto Se Liga pouco contribui para o desenvolvimento de tais habilidades, e, no entanto deve-se considerar que o PCN coloca em seu bojo uma proposta pedagógica que enfoca a questão do conhecimento como um todo. Nisto pode considerar que o aprendizado que o aluno traz da base familiar, (empirismo) isso se remete e pode ser adaptado ao conteúdo aplicado em sala de aula. E ao analisar de perto as possíveis possibilidades de compreensão dos alunos nos diversos momentos do seu processo de aprendizagem, de acordo com a estabelecida na proposta do Projeto aqui discutido, foi possível certificar que o mesmo não considera o conhecimento materno do aluno, e deduz que o mesmo chega na sala de aula, totalmente vazio de conhecimento, tabula rasa.

Contudo analisando a questão da prática de leitura no Projeto Se Liga, a qual é totalmente insuficiente, pois a metodologia usada para alfabetizar é a partir de gravuras e letras, enquanto que para o PCN, a leitura é fundamental como objeto de ensino, e, determina que a leitura é um processo, em que o leitor faz um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus conhecimentos que tem sobre o assunto, trata-se de uma atividade que implica a compreensão dos sentidos, mesmo antes da leitura ser feita em que o individuo aprenda a ler, lendo, que o mesmo se depare com textos reais, e assim entender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético dentro da prática de leitura. Ao contrário do que propõe o Projeto Se Liga, que tem em seu bojo o texto como base para extrair informação da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Se o objetivo da prática pedagógica na questão da leitura é formar cidadãos capazes de compreender diversos tipos de textos, não se pode pensar na possibilidade de que ler seja simplesmente decodificar, converter letras em sons, conforme determina o Projeto analisado.

Conforme ressalta o PCN do ensino fundamental da Língua Portuguesa, o profissional que trabalha com essa área deve agir, como se os alunos já soubessem aquilo que vai aprender, e não impor regras e ensinar partindo dos exemplos pra regras. No caso da leitura, o aluno aprende ler pelo fato de ter contatos com textos, escritos e testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles. É muito importante negociar o conhecimento que já se tem sobre o texto, o que está em entre linhas, com orientação de leitores experiente, no caso, o professor, pois a leitura deste já é uma prática social.

É interessante ressaltar a preocupação que o PCN do ensino fundamental da Língua Portuguesa apresenta como forma, de deixar bem claro que para a questão de aprender a ler e a escrever, é preciso pensar sobre a escrita, e pensar como a escrita representa graficamente a linguagem, e acima de tudo salienta que é necessário procurar entender o que o texto representa para a criança, quando a mesma pega, por exemplo, um texto de histórias em quadrinhos, canções, embalagens comerciais, folheto de propaganda, imagem, logotipo e etc... Enfim qualquer tipo de escrita que se torne comunicativo, o educando mesmo não sabendo ler, vai fazer uma leitura, porque é algo em que o aluno se permita imaginar o que poderia estar escrito.

Portanto, ao analisar o PCN do ensino fundamental da Língua Portuguesa, relacionando-a com Projeto Se Liga, foi possível verificar uma grande contrariedade de metodologia, e de proposta pedagógica, visando o que o PCN do ensino fundamental da Língua Portuguesa, estabelece o que, seria propicio para as escolas aplicar em salas de aula, porém na prática raramente isso tem acontecido. Com isso entende-se que principalmente os alunos que iniciam a vida escolar, nos quais estão inseridos numa sala do tal Projeto, estão sendo prejudicados e privados de aprender a viver no meio social, contrariando a proposta atual a qual estabelece as concepções construtivista e sócio-interacionista, em que o ser em formação poderá realmente usufruir e se tornar um ser crítico e pensante, e que está simplesmente sendo alfabetizado de maneira, que não contempla as expectativas mínimas. Contudo acaba concebendo a escrita como uma mera representação da fala. Estes fatos apurados com esta análise são constrangedores, pois, alguns educadores, que exercem a profissão por vários anos, os quais sempre lutaram para abolir das escolas o método tradicional, agora estão retrocedendo a uma

proposta pedagógica de um Projeto, baseada no método Dom Bosco, que nada mais é do que, um método tradicional.

Outro aspecto que configura a realização do projeto e consideramos ainda mais preocupantes: o Projeto Se Liga funciona em sala separada, considerada pela escola "sala especial", espaço em que os alunos ficam de forma quase que isolados, em que os mesmos não podem se envolver e participar das atividades oferecidas e apresentadas pela escola, justificando que os mesmos não podem perder aula, assim acaba contradizendo a premissa de que não é somente em sala de aula que acontece aprendizagem, e acaba afirmando que a escola entende que para aprender é preciso excluir, haja vista que as dificuldades de aprender ler e escrever podem ser atribuídas a tais fatores que são classificados como disparidade/distorçâo série/idade. Resumidamente, consideramo-lo um espaço da exclusão, da segregação dos "incompetentes". Não é objeto de nossa pesquisa, mas não deixamos de tentar imaginar como se sentem os excluídos: sabem que não sabem, e submetem-se – provavelmente não sem revolta ou rebeldia – à segregação.

O método tradicional silábico no contexto do Projeto Se Liga caracteriza-se por uma prática que também consideramos inadequadas: a revisão. O que poderia ser um momento de reflexão sobre a língua, transforma-se num modelo de aprendizagem, ou seja, os velhos mecanismos de memorização, camuflados sob o nome de *Revisão*. Essa revisão acontece todos os dias quando faltam quinze minutos para o fim da aula, muda de personagem, um dia pergunta-se quem quer fazer a revisão para que os outros repitam com esse o que foi "aprendido" e no dia seguinte a professora analisa como foi o acompanhamento e a participação dos alunos, e escolhe aquele que mais participou para ser revisador da aula do dia, e salienta de maneira justificada que a revisão visa à repetição. Segundo os proponentes do projeto, trata-se de um método propicio para haver assimilação e aprendizagem do conteúdo. Em contrapartida, as propostas mais modernas de alfabetização apresentadas e defendidas por vários autores, dentre os quais, Ferreiro e Teberoski, enfatizam o texto como maior instrumento para alfabetizar, e que a aprendizagem da leitura e escrita não implica necessariamente em memorização. O texto, nessa perspectiva revela-se parte primordial do uso social da escrita, enquanto os métodos tradicionais tratam apenas da escrita escolar, ou

seja, a escrita que não corresponde ao uso social da mesma. Mediante essa perspectiva, pode-se afirmar que o aluno inicia o processo de alfabetização muito antes do período formal de escolarização, e, a escola tem a função de dar continuidade a este processo que vem acontecendo natural e gradativamente.

Todavia, o que realmente acontece no modelo tradicional é uma ruptura no processo de aprendizagem, pois o mesmo priva, exclui a criança de ter contato, acesso, com a escrita verdadeira, e passa apresentar textos descontextualizados que não correspondem aos usos sociais da escrita, e deixando uma grande lacuna nà formação dos educandos. Entendo que o mesmo não conseguirá sair da escola como um cidadão crítico e transformador. Muito menos um leitor e produtor de textos proficiente para o exercício pleno da cidadania. Uma vez que as práticas sociais envolvem leitura e escrita, levando o individuo a diversos contextos sociais, culturais em mudanças, deve-se levar em consideração que a partir desta perspectiva o ponto de partida para a alfabetização é o texto, como afirma Leite referindo-se ao processo de alfabetização.

> "(...) tal definição merece nossa atenção por vários motivos. Primeiro, refere-se à fala e à escrita, o que sugere o planejamento de atividades visando ao desenvolvimento das habilidades relacionadas também com a linguagem oral, pela escola. (...) assume que a questão central na definição refere-se à produção da unidade de sentido, ou seja, um texto não se constitui como tal pelo seu tamanho, mas pelo sentido que possibilita ao leitor construir. E, finalmente, o texto constitui-se numa determinada situação discursiva, o que implica o domínio, por parte do aluno, dos diversos gêneros textuais, orais ou escritos, que correspondem aos seus diversos usos sociais". (Leite, 2000, Pág. 02).

Neste contexto pode-se observar que o uso social da escrita envolvendo o texto voltado pra a realidade cultural do aluno, interando o mesmo com sua cultura e o meio em que vive é diferente de aprender a ler e escrever, enfatizando o domínio do código que é tão comum no modelo tradicional.

De acordo com que pode ser observado em relação ao Projeto Se Liga percebe-se que está ocorre a perpetuação de um problema já antigo no meio escolar: a dificuldade da aprendizagem da linguagem relacionada à leitura e a

escrita. Deste modo, o que se propõe nas perspectivas interacionistas é que é preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de receptor de textos escritos e a falta de habilidade provisória, para ler sozinho é que há a possibilidade de, com a ajuda dos já leitores, aprender a ler através da prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é necessário que o professor proponha para o aluno por em jogo tudo aquilo que sabe para descobrir o que não sabe, esta é uma proposta de aprendizagem. Em conseqüência o aluno requer uma atividade reflexiva que, por sua vez, beneficia a transformação de suas táticas de resolução das questões apresentadas pelos textos. Essa atividade só poderá ser realizada com a mediação do professor, que deverá colocar-se como principal parceiro, organizar seus alunos de forma a beneficiar as informações entre eles. Tal modelo de trabalho procurar garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e, conseqüentemente, da própria aprendizagem, sobretudo em classes com grande quantidade de alunos, nas quais não é possível atender a todos os alunos individualmente da mesma forma e ao mesmo tempo. A heterogeneidade do grupo, se pedagogicamente bem trabalhada, executa a função adicional de permitir que o professor não seja o único informante da turma.

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com diversos tipos de textos escritos, presenciarem o uso que os já leitores fazem deles e participar, de fato, de atos de leitura; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo estimulo e ajuda de leitores praticantes no caso o professor. A leitura, como prática social, é sempre um meio, jamais um fim. Ler é resposta a um objetivo, a um investimento pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde perguntas para comprovar o entendimento, não se faz desenho sobre o que mais gostou e dificilmente se lê em voz alta. Isso não quer dizer que na escola não se possa por ventura responder perguntas sobre a leitura, às vezes desenhar o que o texto lido sugere, ou ler em voz alta quando necessário, na realidade uma prática constante de leitura não significa a repetição infindável dessas atividades escolares. Uma prática freqüente de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que realmente enfatizam as práticas de leitura.

Utilizar o texto para ensinar a criança a ler, já vimos que é um método louvável, porém tem que ser coerente com essa metodologia, pois o texto tem que ser de acordo para como público que o professor vai trabalhar, pois há vários objetivos que exigem diferentes textos e, cada um, por sua vez, exige uma forma de leitura. Há textos que podem ser lidos apenas por partes, assinalando somente as informações necessárias; outros precisam ser lidos cuidadosamente e por várias vezes. Outros textos podem ser lidos rapidamente, e alguns devem ser lidos devagar. No entanto há leituras em que é relevante controlar especificamente o entendimento, voltando atrás para certificar se realmente entendeu ou não; outras em que se segue em frente sem dificuldade, simplesmente pelo prazer de ler. Há leituras que requerem um imenso esforço intelectual e, a despeito disso, se deseja ler sem parar; outras em que é mínimo o esforço e, mesmo assim, a vontade é deixá-las para depois. Uma prática constante de leitura na escola deve permitir diversas leituras, pois outra concepção que deve ser urgentemente superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto e infelizmente essa concepção está internalizada na proposta de alfabetização do Projeto Se Liga, uma vez em que nas suas cartilhas, estão exercício, questões que o texto mesmo responde, tirando do aluno as capacidades que o mesmo tem para compreender a partir de sua interpretação. No entanto o significado constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto.

É fundamental que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos, há textos nos quais as diferentes interpretações fazem sentidos e são mesmo necessárias. Para formar bons leitores para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o prazer e o compromisso com a leitura, a escola terá que passar por uma mudança muito severa, pois aprender a ler requer esforço, sendo assim precisa fazer com que os alunos, percebam que a leitura é algo muito interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência, é interessante que desde o inicio de sua aprendizagem o aluno encontre confiança e condição para poder se desafiar a "aprender fazendo".

Hoje sabemos que, para adquirir conhecimentos, não basta ouvir. Na verdade, as crianças interpretam o que ouvem, pensam e refletem a partir do que já

conhecem. Desde muito pequenas, elas podem e devem conhecer os diferentes materiais de leitura, saber para que servem e tentar descobrir o que está escrito. É por isso que o trabalho com a linguagem escrita é de suma importância na alfabetização. Não se trata de preparar as crianças para a primeira série, mas sim de oferecer-lhes a leitura e a escrita. As crianças pequenas sempre podem e querem aprender muito. Mas, o que fazer quando não há adultos informantes, nem irmãos que possam ajudar, nem classes multisseriadas? Nesses casos, o papel de ensinar a ler e escrever cabe somente à escola, mais especificamente ao professor. Ao iniciar o ano, é fundamental fazer uma sondagem, um diagnóstico dos conhecimentos dos alunos. É indispensável entender como eles elaboram hipóteses a respeito da escrita e da leitura, para organizar um trabalho que lhes coloque bons desafios. As crianças podem aprender e muito sobre a escrita, tanto no âmbito escolar como fora, mas, para isso, a condição é acreditar que todas as crianças podem aprender e valorizar o que já sabem em vez de enfatizar, o tempo todo, aquilo que as crianças ainda não aprenderam. O desafio pedagógico, como sempre, está na articulação entre o difícil e o possível de ser realizado pelos alunos.

Portanto formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura, por isso é necessário que desde a alfabetização as crianças, comecem aprender a partir de textos, pois assim, elas vão se familiarizando com as leituras, e provavelmente será um leitor assíduo, devido fato de ter sido alfabetizado mediante textos voltado para o meio social, e conseqüentemente a criança vai estar capacitada e entendida nos aspectos que discutem a questão da linguagem.

2.3. Uma breve descrição do conteúdo das apostilas

O projeto Se Liga, para desenvolver sua metodologia é dotado de um material didático fornecido pelo Instituto Airton Senna, o Instituto manda esse material, que são cartilhas, conforme é a proposta pedagógica do projeto, para o governo do estado e o mesmo distribui nas escolas onde está sendo desenvolvido o

projeto Se Liga, tanto nas escolas estaduais como nas municipais.

O conteúdo proposto nas cartilhas começa pela família silábica, que, tem primeiro a vogal, depois a silaba e na frente à figura, em seguida tem atividades: ligue as silabas iguais, copie as silabas, identifique o nome da figura, forme palavras com as silabas, leia e copie as silabas, que silaba falta, ligue e ache a frase, leia e separe o som dos rr entre as vogais, complete a silaba que falta, ache a palavra, junte as silaba, frase para o aluno ler, complete com as silabas, encontre as palavras usando as silabas certa, coloque as palavras em suas respectivas famílias. Nota-se que a metodologia utilizada pelo projeto para alfabetizar é realmente centrada no método tradicional, o qual vem sendo duramente criticado desde os anos sessenta (60), quando os países mais desenvolvidos notaram os baixos índices de alfabetização.

Dessa forma percebe-se que as atividades que a cartilha traz como subsidio para alfabetizar são, de forma específica uma proposta de decodificação de códigos e signos, atividades que não colocam o aluno pra refletir e sim simplesmente para copiar letras e sílabas, como se o mesmo fosse um papel em branco que não tivesse nada em seu consciente. Porém os estudos de Ferreiro e Teberoski, que denotam como uma possibilidade de uma concepção metodológica contradizem totalmente a metodologia da referida cartilha, pois segundo as autoras, já existe na criança a escrita materna:

> "Estas primeiras tentativas de escritas são de dois tipos: traços ondulados contínuos (do tipo de uma série de emes cursiva), ou uma série de pequenos círculos ou linhas verticais. Naquele momento, já existe escrita na criança: é a maneira de escrever aos dois anos e meio ou três e, ainda que a semelhança do traçado em relação à do adulto não passa de ser global, os dois tipos básicos de escrita aparecem: ao traço ondulado contínuo (com a continuidade da escrita cursiva); aos círculos e riscos descontínuos (com a descontinuidade da escrita de imprensa)".(Pág. 191).

Sendo assim a criança já traz desde seus primeiros anos de vida a noção da escrita, a qual na escola aprenda a decifrar tais noções, desta forma podem – se afirmar que metodologia do Projeto Se Liga está pouco contribuindo para que o

aluno se torne um cidadão critico e pensante:

A primeira cartilha é do começo ao fim assim, conforme descrito. A segunda cartilha além de fazer todo uma retomada da primeira, traz textos com desenho relacionado à família silábica do tipo, por exemplo:

> "A água é do Renato.
> A água lava tudo.
> O guaraná é uma boa bebida".
> (Módulo de Alfabetização aula 27 pg: 89).

Na apostila todo texto vem acompanhado com desenho para o aluno saber de qual família silábica o texto está falando, por exemplo: Se tiver o desenho de uma lata e do lado um texto, isso significa que o texto é referente à família do la – le – li – lo – lu. O problema é que conforme afirmam Ferreiro e Teberoski, nos resultado de suas pesquisas, essa idéia não existe na cabeça da criança:

> "Em nenhum caso, as crianças justificaram que um cartão serve para ler porque se assemelha a um desenho. Todas as referências a um desenho figurativo estão reservadas às exclusões".(Pág. 49)

Mediante essa afirmação pode-se notar que a criança mesmo antes de nunca ter freqüentado uma sala de aula tem a capacidade de distinguir o que é letra e o que é um desenho, porém a imagem não deixa ser importante para o texto, pois a mesma dá credibilidade para o aluno utilizar tal, como elemento de apoio, isso fica bem claro quando Ferreiro e Teberoski ressaltam que:

> "A maioria das crianças faz uma distinção entre texto e desenho indicando que o desenho serve" para olhar "ou" para ver enquanto que o texto serve "para ler".(pág: 52).

Diante essa descrição do material didático que o referido projeto embasa – se para alfabetizar, percebe – se uma grande incoerência principalmente nos textos, nota-se que no texto acima destacado é totalmente sem sentido, com idéias soltas, com único objetivo de simplesmente mostrar a silaba GU, o texto não mostra

nenhum fato nem uma situação comunicativa, assim não pode ser chamado de texto, alfabetizar desta forma significa restringir o aluno em sua capacidade de entender, e subestima a inteligência que ele traz do seu conhecimento empírico. Desta maneira, assinala-se de forma específica o que os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS da língua portuguesa do Ensino Fundamental nos afirmam: a criança tem que aprender (ler e a escrever) como se já soubesse aquilo que vai aprender. Sendo assim para aprender a ler, é preciso que o aluno se defronte com os escritos que utilizaria se soubesse mesmo ler, com os textos de verdade, portanto, os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler no projeto de alfabetização "Se Liga" não são bons para aprender a ler: têm servido apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura.

3. Análise do conteúdo das apostilas à luz das teorias sócio-interacionistas e construtivistas

Consideramos relevantes, neste item, tecermos algumas considerações acerca da história da alfabetização no Brasil. Compreendemos que este histórico está intimamente relacionado com a persistência de determinadas abordagens na alfabetização, e que numa perspectiva temporal, poderemos compreender que as propostas sócio-interacionistas, apesar de já circularem entre nós há mais de uma década, são ainda recentes se pensarmos na trajetória da alfabetização em nosso país.

Comforme a pesquisa que Maria Rosário Longo Morttati fez sobre a alfabetização, até o final do Império Brasileiro o ensino precisava de organização, e as poucas escolas existentes eram, na realidade, salas improvisadas, que recebiam alunos de todas as "séries" e as aulas aconteciam em prédios não apropriados. Em decorrência das precárias condições de funcionamento, nesse tipo de escola o ensino dependia muito mais do empenho de professor e alunos para subsistir, o material de que se dispunha para o ensino da leitura era também precário. Geralmente, iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas "cartas de ABC" e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos e para ensinar a ler utilizava-se o método da soletração. E desde essa época (1880) percebem-se uma

enorme deficiência nos métodos de alfabetização e também várias mudanças, a fim de acertar um método eficaz pra o bom desenvolvimento de uma alfabetização adequada.

A partir do início da década de 1980, esses métodos passaram a ser rigorosamente questionados, em decorrência de novas urgências políticas e sociais que se fizeram acompanhar de propostas de mudança na educação, a fim de priorizar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização. Como forma de melhorar o ensino teórico metodológico da busca de soluções para esse problema introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora Argentina Emilia Ferreiro e colaboradores. Deslocando do inicio das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma proposta pedagógica, enfatizando, o abandono das teorias e práticas tradicionais, priorizando o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. A partir de então, percebe-se, por parte de pesquisadores acadêmicos, um esforço de convencimento dos alfabetizadores, mediante inúmeras pesquisas, artigos, teses acadêmicas, livros e vídeos, cartilhas, sugestões metodológicas, relatos de experiências bem sucedidas e ações de formação continuada, isso tudo visando garantir a institucionalização, para a rede pública de ensino, de certa apropriação do construtivismo. Inicia-se, assim, uma disputa entre os partidários do construtivismo e os defensores dos métodos tradicionais das cartilhas e do tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos.

É importante ressaltar, no entanto, que, também na década de 1980, observa-se à emergência do pensamento sócio-interacionista em alfabetização, que vai gradativamente ganhando destaque. Assim como ocorreu com os métodos de ensino da leitura e escrita, evidentemente a publicação de novas cartilhas não impediu a continuidade de circulação das antigas, muitas das quais continuaram a ser utilizadas por várias décadas. O pensamento que denomino "sócio-interacionista" baseia-se em uma concepção interacionista de linguagem, voltada para o mundo real na sociedade de acordo com a qual o texto é a unidade de sentido da linguagem e deve ser tomado como objeto de leitura e escrita, estabelecendo-se o texto como conteúdo de ensino, que permite um processo de interlocução real entre professor e alunos e não somente no uso de cartilhas para

ensinar a ler e escrever. Assim percebe-se que o sócio-interacionismo e o construtivismo foram sendo conciliados, e essa conciliação, pelo que se pode observar, foi subsumida no discurso institucional sobre alfabetização. E, dentre a multiplicidade de problemas que enfrentamos hoje a respeito do ensino inicial da leitura e escrita, as dificuldades decorrentes, em especial, da ausência de uma "didática construtivista" vêm abrindo espaço para a tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de apresentar "novas" propostas de alfabetização baseadas em antigos métodos, como por exemplo, o Projeto Se Liga, o qual está sendo analisado aqui.

O construtivismo não é um método para a prática pedagógica. No entanto, o construtivismo contribui para o entendimento da forma como ocorre o aprendizado, e, nesse sentido, influencia na definição dos objetivos da educação formal e na formulação da intervenção pedagógica FERREIRO oferece-nos um instrumental de possibilidades de ver a criança no seu processo de aquisição da escrita, de verificar o que ela sabe e o que ela não sabe, porque é no que ela ainda não sabe, no que ela pode e tem condições de fazer com ajuda, com interferência do adulto, que o professor vai atuar. Nesse sentido, a descrição evolutiva ultrapassa o nível do diagnóstico e da avaliação inicial e contribui efetivamente para informar o desenho de situações de ensino/aprendizagem. Neste contexto o professor tem que ter conhecimento das teorias construtivistas, as quais são uns conjuntos de materiais teóricos para ajudar o professor compreender até que ponto o aluno sabe, a partir das noções de hipóteses dadas pelo mesmo, e isso só pode acontecer quando o professor coloca em jogo o conhecimento do aluno, para assim saber de que ponto ele deve partir para alfabetizá-lo.

A perspectiva construtivista propõe uma forma de compreender como a criança aprende a língua escrita, mas não pode e não pretende ser uma nova didática da leitura e escrita. A perspectiva sócio-interacionista propõe uma forma de compreender como se ensina e se aprende a língua escrita, caracterizando-se como uma nova didática da leitura e escrita, centrada no texto, na qual se relacionam os diferentes aspectos envolvidos nesse processo discursivo: como, o que, por que, para que, quando, onde, quem, com quem ensinar e aprender a língua escrita, Já a perspectiva construtivista decorre da teoria psicolingüística elaborada pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e seus colaboradores, para explicar a forma como a criança aprende a ler e a escrever. A perspectiva sócio-

interacionista decorre das teorias lingüísticas e psicolingüísticas, para explicar o processo de ensino-aprendizagem da língua.

Na perspectiva sócio-interacionista, considera-se que o processo de aprendizagem do sujeito depende essencialmente da interação com o outro e, sobretudo das relações de ensino, no caso da aprendizagem escolar. Trata-se, assim, de um processo social, porque acontece entre as pessoas; e nesse processo a linguagem/língua tem função constitutiva, constituidora e mediadora. Quando uma pessoa aprende uma língua, desde antes da alfabetização escolar, aprende certos modos de pensar, sentir, querer e agir desenvolve certas estruturas cognitivas e produz significados e sentidos para si, para o mundo e para a linguagem/língua, nesta concepção é importante frisar o que Vygotsky afirma sobre desenvolvimento e aprendizagem:

> "(...) de fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.(...) o processo de aprendizado, então, estimula e empurra para frente o processo de maturação. (...)
>
> "(...) tem-se admitido que processos como dedução, compreensão, evolução das noções de mundo, interpretação da casualidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata ocorrem por si mesmos, sem qualquer influência do aprendizado escolar.
>
> (...) o ponto de partida dessa discussão é o fato de o aprendizado das crianças começar muito antes de elas freqüentarem a escolas ". (Vygotsky, pág: 104 109 e 110)".

Assim compreende-se que deve ser considerado o conhecimento materno da criança, uma vez que o desenvolvimento e o aprendizado estão relacionados de maneira contínua, a escola tem somente a função de continuar este processo de desenvolvimento, levando a criança a entender essa relação que começa nos primeiros anos de vida. Percebe-se então que a criança por si só e pelo meio social em que vive é capaz de aprender e interpretar diferentes casualidades, pois a mesma já tem o domínio do seu próprio pensamento e sabe caracterizar a suas idéias de forma coerente.

O sócio-interacionismo vem ainda ressaltar a questão da escrita e linguagem no processo de alfabetização, segundo Vygotsky *"ensina-se nas escolas a desenhar letras e construir palavras, mas não se ensina a linguagem escrita"*,

nesta perspectiva percebe-se que o Projeto Se Liga está caracterizado no ensino de desenhar letras, fugindo totalmente da visão sócio-interacionista que prediz que o aluno tem que interagir a escrita com a linguagem, e que a mesma deve ser um processo natural do seu desenvolvimento, dessa forma Vygotsky afirma que:

> "(...) a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida (...) é claro que é necessário, também levar a criança para uma compreensão interior da escrita, assim como fazer com que a escrita seja desenvolvimento organizado, mais do que aprendizado".(Pág: 156 e 157).

É necessário então que as crianças tenham as letras como instrumento que possibilite novas descobertas em seu desenvolvimento e que a escrita seja associada com sua cultura e seu meio social e que o professor seja simplesmente um mediador de conhecimento para que a criança conceba a escrita de modo organizado que seja para ela uma nova descoberta.

Hoje sabemos que para ter um processo de alfabetização adequado as crianças precisam entender a natureza da representação alfabética, ou seja, não descartamos o conhecimento da relação entre a grafia e som, mas esta deve ser apenas o ponto de partida, segundo a professora da universidade federal de Pernambuco Lúcia Maria Lins Browne Rego que desenvolveu um trabalho de pesquisa e publicou na cartilha Projeto Ype do Estado de São Paulo:

> "(...) para ler e escrever usando adequadamente uma escrita alfabética, ela precisa não só atingir uma concepção alfabética da escrita como também, dominar as correspondências som-grafia".(Pág: 13).

Outra contribuição importantíssima do contrutivismo esta relacionada à noção de hipóteses silábicas. A criança que ao escrever a, por exemplo, a palavra *batata* usa somente as vogais *A - A – A*. Partindo desta noção construtivista, trata-se de uma criança que ainda não compreende o sistema consonantal, não o conhece ou não o domina, mas já estabelece importantes hipóteses, por exemplo, a de que a palavra batata tem três sílabas que se estruturam também com a vogal A. É necessário pensar em estratégias para ajudar esse educando a alcançar a compreensão do sistema alfabético. Não se trata de dizer se sua escrita está certa

ou errada, mas de procurar verificar se há uma hipótese para a escrita, e a partir destas hipóteses procurar estabelecer um plano de trabalho adequado às necessidades desta criança.

As pesquisas na área da aprendizagem da escrita, nos últimos vinte anos, têm provocado uma revolução na forma de compreender como esse conhecimento é construído. Hoje já se sabe que aprender a escrever envolve dois processos paralelos: compreender a natureza do sistema de escrita da língua e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever os aspectos discursivos; que é possível saber produzir textos sem saber grafá-los e é possível grafar sem saber produzir; que o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais através da leitura do que da própria escrita; que não se aprende a ortografia antes de se compreender o sistema alfabético de escrita; e que a escrita não é o espelho da fala.

O conhecimento a respeito de questões dessa natureza tem implicações radicais na didática da alfabetização. A principal delas é que não se deve ensinar a escrever através de práticas centradas apenas na codificação de sons em letras. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a escrever em condições semelhantes às que caracterizam a escrita fora da escola, pois segundo a pesquisadora Telma Weisz:

> "(...) um aprendiz que não é alfabetizado pelo professor e sim que alfabetiza a si mesmo, em interação com interação, com objeto desse conhecimento (escrita) (...) onde o professor deixa de ser o possuidor e transmissor do conhecimento e passa a ser o mediador entre a criança e a escrita (...) uma pedagogia de treinamento onde o professor supõe conduzir e controlar a aprendizagem, onde o erro é concebido como pecado a ser cuidadosamente evitado, pois pode ser fixado pela criança especialmente o ortográfico". (Pág: 39e 40).

Mediante essa afirmação percebe-se que o aluno também é um transmissor de conhecimento, que o mesmo aprende por si só. E não existe uma forma ou método mágico para que o aluno aprenda a ler, é um processo que acontece naturalmente com o meio social em que vive e assim o professor tem somente o papel de mediador do conhecimento. Numa visão construtivista –interacionista, e

uma sala de aula todos são aprendizes e ao mesmo tempo mediadores de conhecimento.

É preciso que aprendam o princípio alfabético e as restrições ortográficas no interior de um processo de aprendizagem dos usos da linguagem escrita. É disso que se está falando quando se diz que é preciso "aprender a escrever, escrevendo". Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever, como diz a pesquisadora Alfredina Nery:

> "É preciso ter em mente que ler é apenas muito mais que decodificar e a escola precisa colocar em sua prática diária a ampliação do conceito de leitura, percebendo que se pode ler antes mesmo de se estar alfabetizado. Há que se colocar a disposição do aluno também linguagens não verbais, para que todo um mundo simbólico não se perca para ele. (...) a desmistificação do livro deve começar desde que a criança é bebê. Permitir que o livro seja também brinquedo e não objeto intocável, sagrado dono da verdade".(Pág: 63).

Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados "oficialmente" no mundo da escrita através da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita. Se o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra também por escrito para produzir textos adequados, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É importante ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem. Como com os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que tão logo o aluno chegue à escola, seja incentivado a ler e a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, que leia e escreva da forma que sabe.

Conclusão

À guisa de conclusão, observamos, durante o estudo para realizar esta pesquisa de alfabetização tendo como recorte a proposta de alfabetização do Projeto Se Liga, constata-se que o mesmo tem como método para alfabetizar a perspectiva tradicional que vem sendo questionada desde os anos oitenta quando alguns pesquisadores procuram ajuda para tentar resolver o problema do analfabetismo e analfabetismo funcional.

A partir de 1980 a pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e seus colaboradores fizeram uma pesquisa sobre a questão do alto índice de fracassos na alfabetização e constaram que a alfabetização parte da seguinte premissa: o professor tem que averiguar por onde começar o processo de alfabetização e assim a mesma desenvolveu a teoria construtivista que implica na descoberta, por parte do mediador, neste caso o professor, dos conhecimentos que os alunos já trazem de sua vivência e assim aplicar um método adequado para alfabetizar.

Consideramos importante salientar, novamente, que o construtivismo não comporta uma didática. Como já afirmamos anteriormente, essa teoria não comporta métodos de ensino da leitura e da escrita, não é um método nem uma estratégia de alfabetização. Configura-se num ponto de partida que o professor deve tomar para começar a ensinar o aluno a aprender ler e escrever, favorecendo, por meio de seus pressupostos, a elaboração de hipóteses sobre o que o aluno desenvolve no decorrer do seu aprendizado.

Percebe-se então que o Projeto Se liga não tem nenhuma relação com essa teoria, por se tratar de uma metodologia alfabética que segue rigorosamente um método silábico, que submete o aluno á condição de receptor passivo de um conhecimento estático e já elaborado, como se esse aluno chegasse à escola vazio de conhecimento, uma tabula rasa. Sendo o aluno um simples receptor de conhecimento não têm acesso a questionamentos e elaboração de hipóteses sobre linguagem e nem espaço para questionamento. Desse ponto de vista afirmo que tal projeto não coincide com a proposta dos PCNs, legitima sua proposta com base na perspectiva estruturalista da linguagem para validar seu método de ensino e qualificar as crianças, ainda que no bojo de suas intenções esteja a proposição de

realizar o disposto no PCN, ou seja, formar um ser critico e pensante capacitado para viver plenamente no meio social. E por que esse Projeto não se embasa nos pressupostos teóricos que subjazem aos PCN, proposta revolucionaria que têm procurado há mais de duas décadas levar-nos a compreender o aspecto sócio-histórico da linguagem, torna se impróprio para trabalhar o ensino de aprender a ler e a escrever, ou seja, O Projeto Se Liga não é adequado pra alfabetizar.

Vale ainda ressaltar a questão do sócio-interacionismo, desenvolvido, dentre vários autores, por Vygotsky, um grande pensador interacionista, que desenvolveu com resultado de suas pesquisas o método sócio-interacionista para trabalhar a Alfabetização, método este que descarta o método que o Projeto Se Liga usa pra alfabetizar, ou seja, o método silábico tradicional, até mesmo porque não trabalha a linguagem, e porque exclui os alunos dos eventos sociais que a escola promove. O Sócio-interacionismo implica na alfabetização que leva ao letramento, uma vez que o texto é o ponto de partida para alfabetizar, levando em consideração o conhecimento materno que aluno já traz da sua base familiar e assinala ainda que o aluno deve ser alfabetizado conforme sua cultura e o meio social em que vive, pois a criança aprende por si só e aprende a ler e a escrever muito antes de chegar na escola, quando a mesma chega na escola este processo permanece num continuo com a mediação do professor.

Com base neste estudo posso afirmar que o Projeto Se Liga tem um bom objetivo, porém com os métodos que o mesmo usa para alfabetizar, fica impossível alcançá-lo ou seja, acabar com a disparidade se série/idade nas escolas, pois seu método pode ser considerado um método defasado por se tratar de um método que há muito tempo está sendo questionado e propõe-se que não seja mais usado nas escolas, uma vez que desconsidera o aspecto sócio-historico da linguagem . O grave problema de distorção idade/série poderia ser resolvido com um esforço e comprometimento de todos envolvidos com o processo educacional: escola, alunos, pais, universidade. Consideramos que seria extremamente difícil resolvermos um problema tão grave com a adoção de medidas simplistas. A despeito dos contínuos insucessos da escola ciclada, continuamos acreditando que o construtivismo e o sócio-interacionismo são as mais propícias maneiras de se proporcionar a solução de um problema que resulta de fatores os mais variados, desde a questão teórico-metodológica até à questão da exclusão. A escola brasileira, historicamente, criou um mecanismo perverso de exclusão, e consideramos que insistir na alfabetização,

desconsiderando o contexto e o letramento, seria uma contribuição para perpertuar-se a exclusão: aumentar-se-ão os índices de analfabetismo funcional e, pior, serão sempre as crianças mais carentes a serem excluídas da possibilidade de gozar e usufruir todos os bens culturais que uma sociedade pode oferecer. Não é justamente para elas que deveríamos devolver esta possibilidade?

Este estudo proporcionou também a compreensão de que professor poderia partir da teoria construtivista, para perceber a dificuldade que a criança tem, suas hipóteses acerca do universo da escrita e assim colocá-la diante do contexto social da sala de aula e assimilar suas noções de hipóteses, assim feito aplicar-se-ia o método sócio-interacionista que parte de textos da cultura e do meio social que o aluno vive e principalmente por trabalhar o conhecimento materno da criança, lembrando que tanto a teoria construtivista e os métodos sócio-interacionistas embasam os Parâmetros Nacionais curriculares do Ensino Fundamental da Língua Portuguesa.

Bibliografia

Referência Bibliográfica

ASSIS, Ayrde da Luz Siqueira Alves de. Módulo de Alfabetização / Ayrde da Luz Siqueira Alves de Assis (Brisa). – São Paulo: Ed. Global, 2001.

BRASIL MEC/SEF - Parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRASIL MEC/SEF - Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p.

Caderno de atividades: Método de Alfabetização. - São Paulo: Ed. Global, 2001 "Vários autores".

FERREIRO, Emilia, TEBEROSKI, Ana, "Psicogênese da língua escrita" – trad. Diana Myrian Lichtenstein, Liana Marco e Mário Corso. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, editora artmed – 1999.

MORTATTI, Longo Rosário Maria, "Histórias dos métodos de Alfabetização no Brasil", São Paulo (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Apostila do Projeto Letra e Vida. (2001)

Orientações 2007. Ed. Global, "Instituto Airton Senna".

PERRENOUD, Philippe, "A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e razão pedagógica" / trad. Claudia Schilling – Porto Alegre: ed. Artmed, 2002 "".

Sistemática de Acompanhamento de 2007, Ed. Global. "Educação, A Formula da Vitória" Instituto Airton Senna.

SOLÉ, Isabel, "O construtivismo na sala de aula" – 6ª ed. – editora Ática – composto em 1996.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas."Isto se aprende em ciclo básico". Projeto ype – São Paulo, SE/CENP, 1990. 157p.il.

SOUZA, R. F. Política Curricular no estado de São Paulo nos anos 1980 e 1990. Cadernos de Pesquisa. V.36, nº 137, p.203-221, jan/abr.2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, 1896 – 1934 "A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores" – 6ª ed. – São Paulo.

www.secretariadeeducação.gov.com.br Acesso em: 18 de março de 2008.

www.institutoirtonsenna.com.br Acesso em: 15 de março de 2008.

Obras consultadas

AZENHA, Da Graça Maria, "Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro" 3ª ed. – São Paulo, editora Ática 1994.

DURAN Geraes Claret Marilia, "Alfabetização: Teoria e Prática" São Paulo (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Apostila do Projeto Letra e Vida.

FREIRE, Paulo, "A importância do Habito de Ler". Três artigos que se completa, 32ª ed. São Paulo – editora Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo, "Políticas e educação" 3ª ed. São Paulo – editora Cortez, 1997.

KLEIMAN, Ângela B. MATENCIO. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEITE, da Silva Antonio Sérgio, "O processo de Alfabetização escolar: revendo algumas questões" professor da Faculdade de educação UNICAMP, texto cedido pelo autor e enviado por correio eletrônico.

LEITE, da Silva Antonio Sérgio, "Notas Sobre o Processo de Alfabetização Escolar" professor da Faculdade de educação UNICAMP, apresentado em palestra durante o XVI COLE na Universidade Estadual de Campinas em 2007. Texto cedido pelo autor e enviado por correio eletrônico

OLIVEIRA, Kohl de Marta, "Vigotski Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico" editora scipione – 3ª ed. São Paulo 1995.

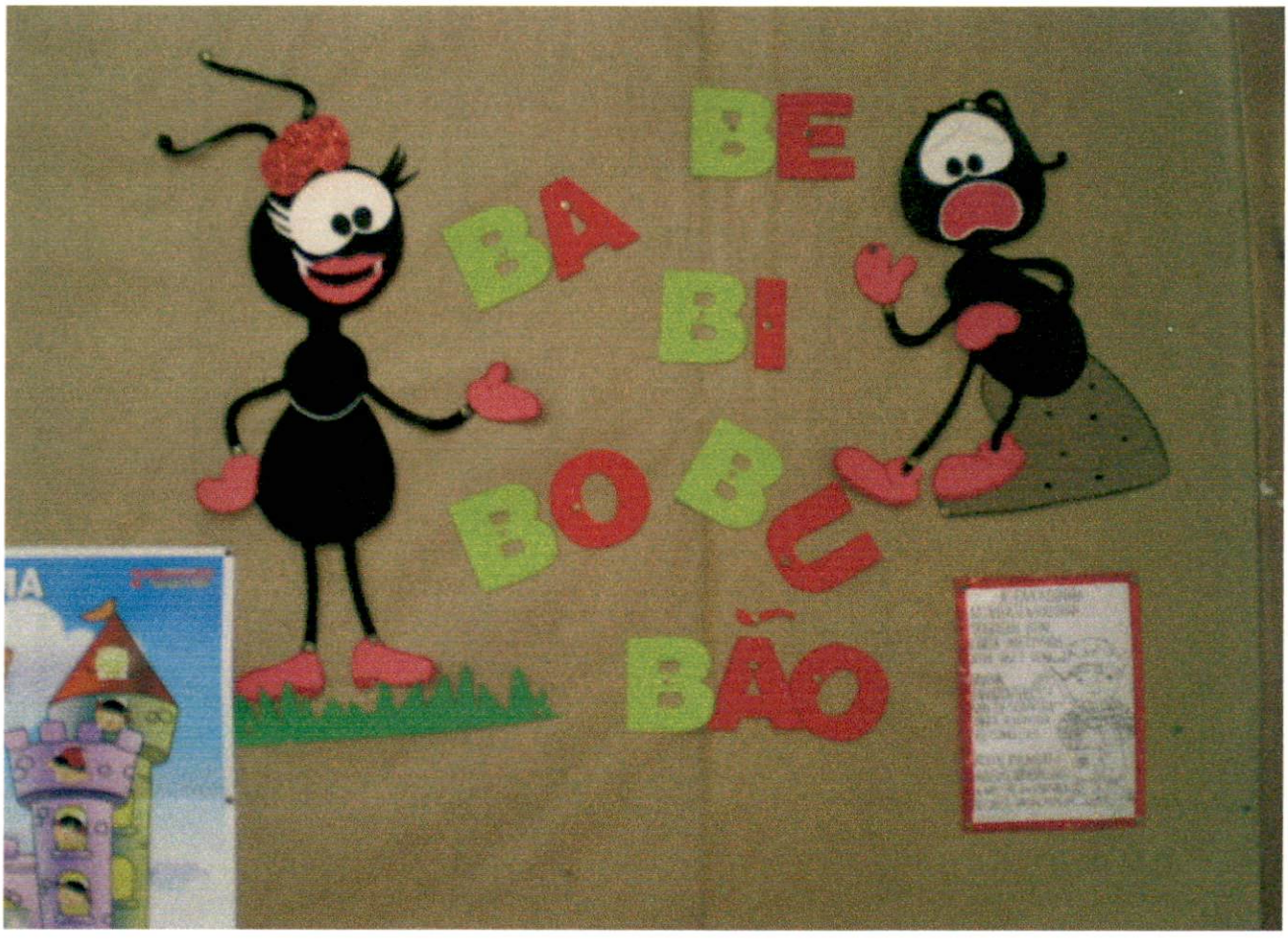
ROJO, Rodrigues Helena Roxane, "Garantindo a todos o direito de aprender": Uma visão sócio-construtivista da aprendizagem de linguagem escrita no ensino básico. São Paulo (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Apostila do Projeto Letra e Vida).

SÃO PAULO (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Apostila do Projeto Letra e Vida. Bloco 03– Texto 03.

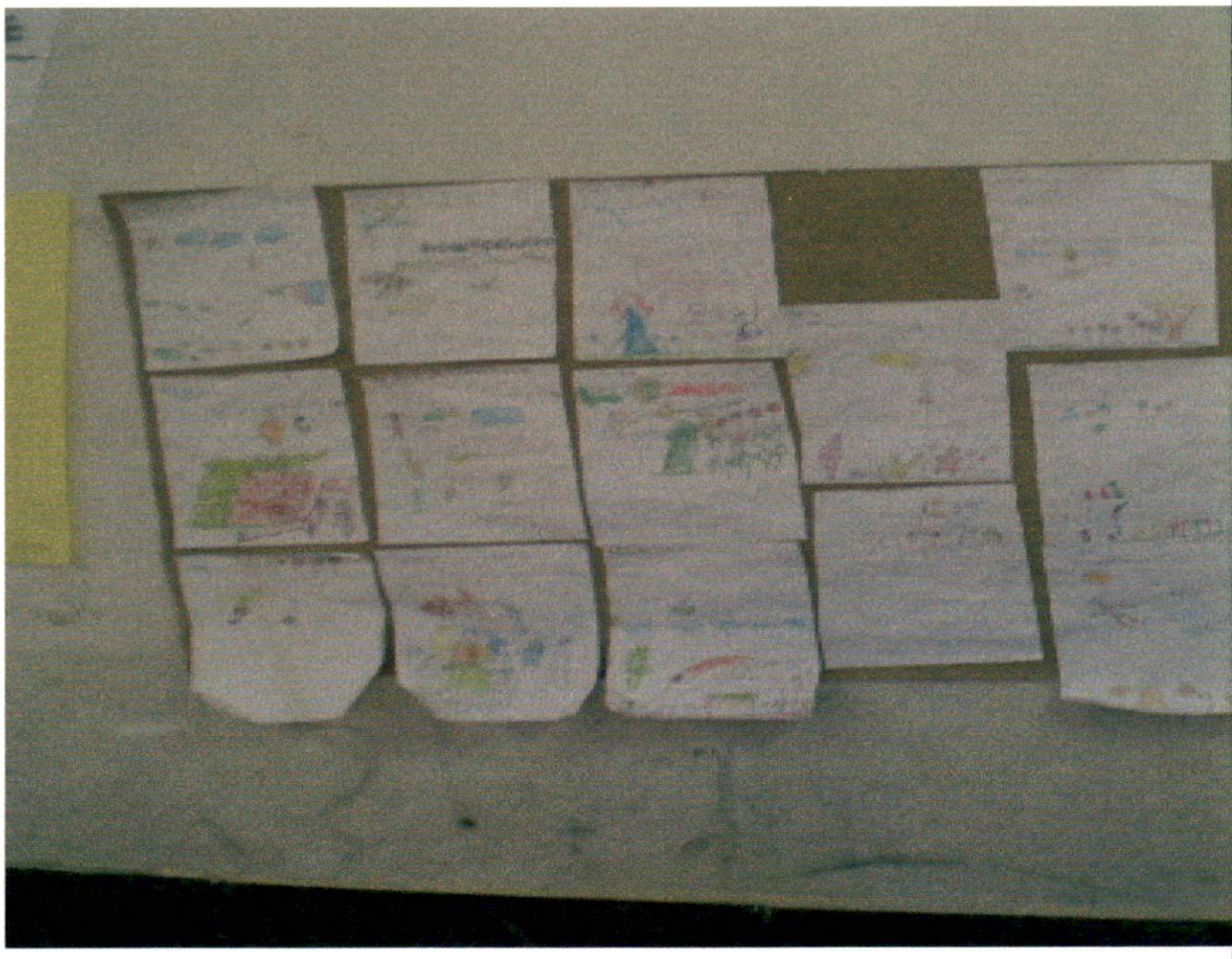
SÃO PAULO (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Apostila do Projeto Letra e Vida. Bloco 04–Texto 04.

SÃO PAULO (Estado). SEE/SP. CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas). Apostila do Projeto Letra e Vida. Bloco 05–(Texto 06).

Anexo I – fotos de uma sala de aula participante do Projeto Se Liga


BE
BA
BI
BO
BÃO


ROTINA
ACOLHIDA
CHAMADA
HISTÓRIA
ERA UMA VEZ...
LANCHE
ESCOVAR OS DENTES
ATIVIDADES
RECREIO
ATIVIDADES
RETOMADA DO DIA






ERA UMA VEZ..
A
B
C
D
E
F
G
H
I
J
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
U
V
W
X
Y
Z


LENDO E FORMANDO LEITORES
TRUKS
LENDO E FORMANDO LEITORES